

## **CONSTRUINDO UMA “CIDADE JARDIM”: Memórias e Representações em Amargosa – BA**

Jaqueline Argolo Rebouças<sup>i</sup>

A história do município de Amargosa, situado no Recôncavo Sul Baiano, abarca um período de riqueza e de destaque regional, proporcionados pelo comércio agroexportador do café, que acabou por contribuir para a criação de uma sociedade local importante e foi marcado por um conjunto de intervenções urbanísticas. Objetivamos nesta Comunicação, problematizar a cidade enquanto espaço construído a partir das relações e práticas cotidianas, apropriando-se das transformações ocorridas na paisagem urbana, no período de 1930 a 1950, que influenciaram a criação de uma nova identidade: Amargosa, “Cidade Jardim”, que remonta, sobretudo, a construção do Jardim Público Municipal, localizado no Centro da Cidade. Através da memória e da pesquisa documental, tentamos compreender como as estruturas socioculturais interferem no cotidiano da Cidade, permitindo a construção de uma identidade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Cidade. Memória. Identidades.

A urbanização pela qual passou a cidade de Amargosa<sup>ii</sup>, localizada no Recôncavo Sul Baiano, no período de 1930 a 1950, demonstra a atuação de alguns segmentos da população na organização da vida cotidiana e no uso dos espaços. Procurando se adequar a padrões das grandes cidades observa-se como a produção espacial pela sociedade buscou reproduzir as relações sociais influenciadas pela estrutura social. Isso não implica, porém, que a urbanização se deu restritamente pela incorporação dos ideais de progresso, desenvolvidos a nível nacional, mas este redimensionou, possivelmente, as práticas sociais quanto ao uso do espaço, pela tentativa, dentre suas possibilidades, de modernização deste.

As marcas que as pessoas deixam cotidianamente no seu cenário urbano demonstram de que forma, em seu dia-a-dia, construíram e estabeleceram seu modo de vida na cidade.

Os relatos, percursos e práticas cotidianas são formas de organização do espaço e pertencem mais as práticas representativas do espaço que ao espaço físico propriamente dito<sup>iii</sup>. Uma cidade “ressignificada” nas memórias e nas ações cotidianas, que não pode ser confundida como um espaço harmonioso.

Até a década de 1930, o município de Amargosa, beneficiado pelo comércio do café, obtinha uma posição de destaque na região<sup>iv</sup>. Essa década marcou um período de

transformações urbanísticas, a partir de grandes obras, como a construção da Praça Lourival Monte (1932), da Igreja Matriz (1934) e do Cristo Redentor<sup>v</sup>.

A Crise de 1929 teve grande repercussão para economia cafeeira no Brasil e seus efeitos fizeram-se sentir em todo o país. Assim, Amargosa aos longos dos próximos anos sofreu uma crise financeira, embora ainda exercesse grande influência regional. Neste contexto histórico, abriu-se a perspectiva para criação de uma nova identidade: “Amargosa, Cidade Jardim”.

Sendo os espaços construções meramente humanas que envolvem relações sociais e de poder (por vezes conflitantes), estão sujeitos a determinações e modificações dos homens. Estas podem ser decorrentes tanto de fatores econômicos, políticos ou socioculturais estabelecendo seu domínio sobre todo e qualquer ambiente, o que pode ser também uma apropriação de referência ou identidade.

Com o estudo das identidades os pesquisadores passaram a valorizar o universo mental dos seres humanos em sociedade e os seus modos de sentir. Segundo Gilbert Durand, o conceito de identidade não é apenas uma extensão do objeto, mas uma representação que permite “compreensão”, ou seja, o conjunto das “qualidades” e “atributos” que o significam. Assim, para ele, “a identificação não reside mais ‘num sujeito’, mas na trama relativa dos atributos que constituem o ‘sujeito’, ou melhor, o ‘objeto’”<sup>vi</sup> – no nosso caso, o município de Amargosa.

A valorização do passado das cidades, no Brasil, é um fenômeno recente e com as contribuições da perspectiva da História Cultural, são resgatados os discursos, imagens e práticas sociais de representação, através dos quais indivíduos e grupos atribuem sentidos ao seu mundo<sup>vii</sup>. É nesse sentido que Roger Chartier afirma: “As lutas de representações têm tanta importância como as lutas econômicas para compreender os mecanismos pelos quais um grupo impõe, ou tenta impor, a sua concepção do mundo social, os valores que são os seus, e o seu domínio”<sup>viii</sup>.

O conhecimento é plural e dinamizado a partir da interferência das subjetividades e das representações. E a história oral se apresenta, neste contexto, “[...] numa perspectiva emancipadora de recuperação de sua própria história reprimida e, portanto, de redescoberta de identidade – e levando os historiadores a se interrogarem sobre sua maneira de relacionar-se e comunicar-se com aqueles cuja história estão escrevendo”<sup>ix</sup>.

Sabe-se que a memória é individual e social, pois quem lembra é o indivíduo. No entanto, essa memória individual não está inteiramente fechada e isolada: “um homem para

evocar seu próprio passado, tem frequentemente necessidade de fazer apelo às lembranças dos outros. Ele se reporta a pontos de referência que existem fora dele, e que são fixados pela sociedade”<sup>x</sup>. Tais reflexões são analisadas também por Pierre Nora, pois são extremamente eficazes para a análise destas memórias individuais ou coletivas e que são “encarnadas”, sentidas pelo “orador”, quando afirma que:

a curiosidade pelos lugares onde a memória se cristaliza e se refugia está ligada a este momento particular de nossa história. Momento da articulação onde a consciência da ruptura com o passado se confunde com o sentimento de uma memória esfacelada, mas onde o esfacelamento desperta ainda memória suficiente para que se possa colocar problema de sua encarnação. O sentimento de continuidade torna-se residual aos locais. Há locais de memória porque não há mais meios de memória<sup>xi</sup>.

Os fragmentos de lembranças, assim, vão fornecendo matéria-prima para a ação da memória. Ao mesmo tempo em que os acontecimentos vão sendo lembrados, vêm os personagens, as cenas e o cenário, aparecendo na sucessão-sobreposição de tempos e espaços. À medida que as lembranças vão brotando dos espaços ainda não esquecidos da memória e que vem a tona aquilo que, até então, passava despercebido, as cenas e fatos vão aos poucos sendo lembrados e focalizados <sup>xii</sup>. Para Phillipe Joutard,

[...] o oral nos revela o ‘indiscutível’ [...]. É através do oral que se pode apreender com mais clareza as verdadeiras razões de uma decisão; que se descobre o valor de malhas tão eficientes quanto as estruturas oficialmente reconhecidas e visíveis; que se penetra no mundo do imaginário e do simbólico, que é tanto motor e criador da história quanto o universo racional <sup>xiii</sup>.

No entanto, ele salienta a necessidade de reconhecimento dos limites da história oral; embora os esquecimentos, omissões, deformações, entre outros, sejam úteis para a análise do historiador.

As mudanças ocorridas durante o tempo resultaram no surgimento de outras formas de organização socioespacial, onde a imaginação modificaria a evidência desse presente imediato, motivando a exploração de outras possibilidades que poderiam ser realizadas. Assim, os problemas históricos poderiam ser equacionados sintonizando passado, presente e futuro.

A cidade, nesta perspectiva, não abriga um tempo linear e sincrônico, mas uma trama de cronologias descompassadas que se correlacionam das mais diferentes formas, ocasionando as mudanças sob um caráter constante<sup>xiv</sup>.

A identidade “Cidade Jardim” está relacionada, assim, as intervenções urbanísticas implementadas pelos administradores públicos locais e, possivelmente, pela intenção de alguns segmentos da população (sobretudo, das camadas mais abastadas da sociedade), impulsionados pela visão de transformação urbana a partir de modelos, que intencionavam reconhecer-se como anunciadores de um novo tempo:

Em seu conjunto, essas representações urbanas constituíam um índice de elementos que integravam o imaginário das elites brasileiras no final do século XIX [...]. Mirando-se nos exemplos das cidades européias, tais imagens vinculavam a um ambiente promotor do desenvolvimento material ininterrupto e de mudanças profundas na vida social e cultural<sup>xv</sup>.

A partir da Crise de 1929, a situação da economia cafeeira entrou em colapso no país e o comércio do café sofreu um processo inicial de quebras em cadeia (redução dos preços, demanda insuficiente, falências e concordatas, entre outro), advindos de uma estagnação mundial<sup>xvi</sup>. E no plano local, o problema nas exportações trouxe transtornos a economia que produzia em grande escala para outros países. Segundo Sr José Peixoto,

de uma hora pra outra trancou a exportação, ninguém comprava, ninguém vendia. Houve a quebradeira (...). Ninguém comprava, ninguém vendia. Depois ficou uma calamidade, quebrou a fama estrangeira que estava aqui (...). Essas cidades já estava se desenvolvendo e Amargosa perdeu o apogeu de intercâmbio comercial pro sertão e o porto fluvial de Nazaré perdeu essa partilha<sup>xvii</sup>.

Se com a restrição do café e do comércio em Amargosa, a população acionou novos mecanismos que visavam viabilizar economicamente o local, possivelmente seriam inseridos novos “indícios históricos” na cidade, os quais teriam o papel de retratar um novo momento que representasse o local:

partindo do ano de 1891, quando o povoado foi elevado à categoria de cidade, até aproximadamente 1937, quando viveu o seu período de esplendor e prosperidade econômica, Amargosa teve a oportunidade de remodelar o seu quadro urbano, as marcas do seu apogeu são bem presentes, ainda hoje, embora as funções tenham se modificado<sup>xviii</sup>.

Seria nesse contexto que a cidade, possivelmente, apareceria como o espaço pleno para efetivação de um novo momento histórico, condicionado à ideia de progresso. Para tanto, seria, talvez, dessa perspectiva que sairiam as justificativas que objetivavam a renovação das feições urbanas.

A Amargosa enriquecida e destacada por toda a região pelo comércio do café, possivelmente, também objetivou inserir-se, assim, nos modelos socioculturais e econômicos capitalistas, mesmo após a estagnação desse comércio: “(...) já não era aquele apogeu tamanho, mas já era a riqueza que sustentava a região voltando ao passado, o que era o apogeu da riqueza capitalista”<sup>xix</sup>.

Exemplo claro disso foi à construção do jardim na antiga Praça Dr. Manoel Vitorino, hoje, denominada Praça Lourival Monte (ver Figura 1). Aquele antigo campo, onde se realizava, às vezes, espetáculos de tourada e de circo e servia de rancharia, foi ganhando formas. O jardim iniciado em 1932 foi concluído em 1934 e mesmo sendo uma nova forma espacial, conservou a antiga função de lugar de encontro, de prosa da população. Relata-se na Revista Amargosa Centenária (1991) que no jardim aos domingos havia festa, a mocidade participava de danças, embaladas pelas filarmônicas, levando o povo também a passear, o que pode ser evidenciada pela Figura 2. E foi possivelmente desse Jardim, que surgiu a nova identidade: “Amargosa, Cidade Jardim”.

**Figura 01** – Praça Manoel Vitorino antes da construção do Jardim Público Municipal<sup>xx</sup>



**Figura 02** – Jardim Público Municipal sob a mesma perspectiva da Figura 01<sup>xxi</sup>.



Assim, os processos sociais articuladores da dinâmica econômica e política, em nível de cidade, deram continuidade ou incrementaram a vida social no tocante a dimensão cultural e da cotidianidade, além de criarem as instituições e, conseqüentemente, a identidade. À medida que ocorreu a tentativa de efetivação dos símbolos da modernização e que ao longo do tempo foi assimilada, a população (ou parte dela) viu e sentiu a necessidade de “ressignificar” sua identidade, através, principalmente, daquilo que foi criado: objetos, construções, monumentos construídos, para racionalização do espaço, entre outros.

Segundo Carlos<sup>xxiii</sup>, o lugar é entendido como a “identidade histórica” que vincula o ser humano ao local onde a vida se realiza.

A partir da revitalização da paisagem, seja ela a partir da construção de jardins ou da ressignificação dos antigos casarões senhoriais ou até da instalação de instituições que significam o “novo”, o “moderno” (hospital, bancos, colégios, entre outros), é que essa ordem distante, “modernizadora”, pode ter transformado o pensamento, permitindo a algumas pessoas a se reconhecerem em um “lugar moderno”, fornecendo-as uma noção de pertencimento e reconstruindo uma identidade. Esse reconhecimento da “modernização” da cidade também alcançou o olhar dos outros municípios. O que pode ser evidenciado em um caso específico do depoimento do Sr. José Peixoto, no tocante a educação, justamente numa época em que uma ínfima parcela da população tinha acesso à escola, quando diz que

na década de 40, 42, foi criado o Seminário aqui em Amargosa e surgiu o internato de estudante. Quem conseguiu trazer o Colégio das Freiras era o pai do Padre Almeida, Coronel Manoel Benedito. Com a chegada do Colégio das Freiras Amargosa tomou o centro da educação. As cidades vizinhas,

muitos desses compraram casas aqui (...). Foi um ponto chave de desenvolvimento<sup>xxiii</sup>.

Embora S. José faça uma referência à importância da atuação do Coronel Benedito Almeida para implantação do Colégio Santa Bernadete, que aconteceu em 1946, é importante salientar o falecimento deste em 1942. O ato de lembrar e esquecer e selecionar os fatos da memória se apresenta como importante meio para análise histórica. O papel fundamental do Coronel para efetivação da Instituição, indicada nesta fala, pode estar na doação<sup>xxiv</sup> do terreno e a condição de transferência deste, exclusivamente, para construção de uma “Casa da Educação”.

O sucesso da tentativa de efetivação do projeto de modernização, progresso e embelezamento da cidade também foi possível graças ao impacto causado pela “nova paisagem” e sua associação com o “moderno” ou com o paradisíaco. Isso nos leva a pensar sobre a dinâmica do lugar com o processo global e sobre a “identidade urbana”.

As avenidas largas, as praças imensas e os jardins extremamente bem cuidados dão-lhe ares de grande cidade, seu parque residencial é muito avançado e as residências luxuosas demonstram bom gosto (...). Mostrar o índice de progresso e desenvolvimento do seu povo que atesta sua fé na majestade de seus templos, seu bosque no centro da cidade equilibra ecologicamente e é área de lazer<sup>xxv</sup>.

Essa apresentação tenta revelar a cidade e seu “progresso”, destacando elementos característicos da modernidade. A preocupação com a imagem da cidade dá-se, inclusive, no sentido de aparência física urbana, sobretudo do seu centro, como podemos observar na passagem acima.

Segundo Milton Santos<sup>xxvi</sup>, a paisagem é a materialização de um instante da sociedade. Sendo assim, o momento a ser estudado refere-se a um período quando o poder público municipal desenvolveu uma política de revitalização da cidade.

Observa-se, assim, como a política local apoderou e apodera-se da dimensão do lugar para expressar o mundo moderno. A revitalização da paisagem tinha como intenção a legitimação de um “novo momento” que indicava o progresso, o desenvolvimento, resultado da vontade política. Busca-se, também, perceber o uso da imagem da cidade requalificada como elemento de um projeto político e econômico, simultaneamente. Na verdade, todos esses objetivos perpassam pela ideia de embelezamento da paisagem urbana, pela população

mais beneficiada com ela: “o poder costuma se configurar, nos lugares e na arquitetura que compõem o cenário da cidade”<sup>xxvii</sup>.

Essa intencionalidade política aparece quando analisamos a imagem que as gestões administrativas e políticas querem apresentar e impor, principalmente quando observamos Revistas de Governo ou de propagandas de eventos locais, como no caso da apresentação sobre a Cidade editada, em um período posterior, na Revista da 1ª Exposição Agropecuária de Amargosa:

Seu nome é Amargosa e com absoluta propriedade foi lhe conferido o título de “CIDADE JARDIM”.

É admirável o zelo de seus habitantes pelas coisas da natureza justamente numa época em que o mundo inteiro lamenta e se preocupa com os problemas ecológicos.

Aqui o verde impera, não só nas matas conservadas como nos campos cultivados, nas pastagens ondulantes como nos belíssimos jardins e praças caprichosamente traçados que com suas flores e plantas ornamentais são motivo de encantamento de seus moradores e de agradável surpresa para o visitante.

(...) As ruas arborizadas e pavimentadas ensejam caminhadas que nos levam a conhecer o jardim e praça Lourival Monte considerados dos mais belos do interior do estado<sup>xxviii</sup>.

Nessa apresentação, mais uma vez notamos a tentativa de contextualizar a cidade nos moldes ditos modernos quando fala em suas ruas pavimentadas e arborizadas. Mas o que é mais interessante nesta é a tentativa de imposição de um novo argumento para a identidade já formada: recorre-se, portanto, a explicação das especificidades da cidade como um lugar onde a natureza demonstra sua grandiosidade.

A ideia de preocupação com a preservação da natureza imbricada nesse discurso político demonstra o papel da propaganda que permeia o local. Assim, preservou-se a imagem de “Cidade Jardim”.

## **Considerações Finais**

Os amargosenses vivenciaram assim, um processo de (re)posicionamento socioeconômico e político regional, conforme sua realidade em cada momento histórico. Suas práticas foram desenvolvidas a partir desta relação cotidiana.



A superação dos obstáculos históricos pode ser observada por diversas fontes (escritas, orais, iconográficas) que revelaram as práticas e as representações dos agentes sociais caracterizadas por um forte potencial instituidor de novas práticas e novas representações.

Vemos, ao longo do tempo, a criação de uma nova condição urbana, que não é homogênea, mas plural. Pois, não constitui uma unidade funcional, mas campos de força marcados pela alteridade, pelo conflito de interesses e representações socioculturais e políticas.

A análise dessa suposta tentativa de modernização da cidade refere-se, possivelmente, a ideia de constituição de uma cidade moderna, com as seguintes características: embelezamento e racionalização do espaço. Dessa forma, em busca de nosso objetivo central, de analisar a (re)criação de uma identidade da Cidade, continuamos nosso trabalho de investigação procurando compreender como os principais pressupostos foram apropriados e utilizados no cenário urbano pelo Poder Público Municipal de forma a justificar e retratar sua marca na região.

No que diz respeito a este objeto de estudo, pode se pensar nessas representações identitárias como um circuito de trocas, processo no qual as partes se transformam, constroem e reconstroem seus valores, imagens e práticas sociais.

Ao pensar nas identidades de uma forma homogênea e estática, corre-se o risco de não compreender os grupos sociais dentro de suas especificidades; além de procurar definir apenas um recorte histórico-geográfico, defini-lo em um nome. Os documentos não indicam as informações para esta definição, já que os grupos humanos e suas referências identitárias são extremamente flexíveis e dinâmicas. A identidade, assim, é acionada conforme a realidade histórica de cada momento e os interesses dos indivíduos em questão.

Admitimos assim, para continuidade desta pesquisa, um conceito de identidade não estático. A adoção de comportamentos tradicionais e não tradicionais pode ser vista como uma maneira a partir dos quais identidades são construídas.

A memória vem se apresentando como elemento importante para este estudo e muitas vezes se constitui num ato de lembrar e esquecer, numa tentativa de selecionar aquilo que é importante lembrar. Aliada a uma perspectiva histórica, muito contribui para análise de uma história local, repleta de significados e que aguarda por mais estudos.

---

<sup>i</sup> Jaqueline Argolo Rebouças, Mestranda do Programa de Pós-Graduação em História Regional e Local – PPGHIS da Universidade do Estado da Bahia – UNEB/CAMPUS V. Bolsista CAPES. Endereço Eletrônico: jquel@hotmail.com.

<sup>ii</sup> Ao especificar a cidade de Amargosa como objeto de análise o que se pretende é justamente imergir nesse debate de criação e identificação sócio-cultural, a partir de simbolismos e representações, podendo ser bem exemplificados mesmo no nome do município: “Amargosa”, que, segundo a Revista Amargosa Centenária (1991), derivou da existência de “pombas amargas”, comuns na região que atraíam grande quantidade de caçadores.

<sup>iii</sup> CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*. 1. artes de fazer. Petrópolis: Ed. Vozes, 2003, p. 176-203.

<sup>iv</sup> A concepção da “Região de Amargosa” foi adotada em um trabalho de Milton Santos, em 1963, enquanto recorte espacial analítico, remetendo a perspectiva de região enquanto espaço socialmente construído: “o espaço é fundamentalmente social e histórico” e está sempre em interação com forças externas que fornecem impulsos ao seu desenvolvimento. A pesquisa coordenada por Santos em conjunto com o Laboratório de Geomorfologia e Estudos Regionais, em 1963, percorreu a região que alcançou os municípios de Brejões, Santa Terezinha, São Miguel das Matas e Laje, tem como centro de estudo o município de Amargosa. Ao delimitar a Região, Santos considerou a historicidade local, baseada numa economia agroexportadora do café, sobretudo, porque o município se apresentava como centro de polarização regional da economia cafeeira da época. A pesquisa teve por objetivo analisar os diversos aspectos da região em questão. Ver: SANTOS, Milton. *A Região de Amargosa*. Salvador: Comissão de Planejamento Econômico, 1963..

<sup>v</sup> NETO, Raul Lomanto. A “Região de Amargosa”: olhares contemporâneos. In: GODINHO, Luis Flávio R.; SANTOS, Fábio Josué S. (Coord). *Recôncavo da Bahia*. Amargosa: Ed CIAN, 2007, p. 156-7.

<sup>vi</sup> DURAND, Gilbert. *O Imaginário: ensaio a cerca das ciências sociais e da filosofia da imagem*. Trad. Renée Eve Levié. 2 ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2001, p. 81.

<sup>vii</sup> ARÓSTEGUI, Julio. *A pesquisa histórica: teoria e método*. São Paulo: EDUSC, 2006, p. 218.

<sup>viii</sup> CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: DIFEL, 1990, p. 17.

<sup>ix</sup> FRANÇOIS, Etienne. A fecundidade da História Oral. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (Orgs). *Usos e Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1996. p. 11.

<sup>x</sup> O autor Halbwachs analisa as relações entre memória individual e social. Na perspectiva de que as impressões forjadas ao longo do tempo no espaço se sucedem, mas não permanecem em nosso espírito, não sendo possível recuperar o passado, se ele não se conservasse no meio material que nos cerca. HALBWACHS, M. “A invenção das tradições” In: HOBSBAWN, E. e RANGER, E, (orgs). *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

<sup>xi</sup> NORA, Pierre apud LE GOFF, Jacques. *A História Nova*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1993, p.7.

<sup>xii</sup> SILVA, Maria Aparecida de Moraes. *A cultura na esteira do tempo*. São Paulo: Perspectiva, Jul 2001, vol.15, n.3, p. 102-112.

<sup>xiii</sup> JOUTARD, Philippe. Desafios à História Oral do século XIX. In: ALBERTI, Verena; FERNANDES, Tânia Maria; FERREIRA, Marieta de Moraes (Orgs). *História Oral: desafios para o século XXI*. Rio de Janeiro: FGV, 2000. p. 33-4.

<sup>xiv</sup> LEPETIT, Bernard. *Por uma história urbana*. São Paulo: EDUSP, 2001, p. 139-145.

<sup>xv</sup> JULIÃO, Letícia. Belo Horizonte: Itinerários da Cidade Moderna (1891-1920). In: DUTRA, Eliana de Freitas (org.). *BH: horizontes históricos*. Belo Horizonte: C/ Arte, 1996, p.50.

<sup>xvi</sup> Ver reportagem. REVISTA VEJA. A bola da vez? In: *O Crash da Bolsa*. Edição Especial: Brasil. Outubro de 1929. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/historia/crash-bolsa-nova-york/brasil-crise-do-cafe-exportacoes-falencias.shtml>>. Acesso em: 21 dez. 2011.

<sup>xvii</sup> Depoimento do Senhor José Peixoto, 76 anos, comerciante aposentado.

<sup>xviii</sup> SANTOS, Milton. *A Região de Amargosa*. Salvador: Comissão de Planejamento Econômico, 1963, p.10.

<sup>xix</sup> Depoimento do Senhor José Peixoto, 76 anos, comerciante aposentado.

<sup>xx</sup> Fotografia cedida pela Prefeitura Municipal de Amargosa, datada da década de 20 do século XX.

<sup>xxi</sup> Fotografia cedida pela Prefeitura Municipal de Amargosa, datada da década de 30 do século XX.

<sup>xxii</sup> CARLOS, Ana Fani Alessandri. *O lugar no/do mundo*. São Paulo: Hucitec, 1996, p.28.

<sup>xxiii</sup> Trecho do Depoimento do Senhor José Peixoto, 76 anos, comerciante aposentado.

<sup>xxiv</sup> Informação constante na Escritura de Doação Condicional do Coronel para o Bispado de Amargosa, datada em 01 de setembro de 1942 (LTD, nº 01, p 10 e 10v).

<sup>xxv</sup> REVISTA AMARGOSA CIDADE JARDIM. *1ª Exposição Agropecuária de Amargosa*. 1978.

<sup>xxvi</sup> SANTOS, Milton. *Metamorfoses do espaço habitado*. São Paulo: Hucitec, 1988.

<sup>xxvii</sup> ALMEIDA, Marcelina das Graças de. A Catedral da Boa Viagem de Belo Horizonte: fé, modernidade e tradição. In: DUTRA, Eliana de Freitas (org.). *BH: horizontes históricos*. Belo Horizonte: C/ Arte, 1996, p.239.

